



O Social em Questão

ISSN: 1415-1804

ISSN: 2238-9091

osq@puc-rio.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Brasil

Carvalho, Keila Lúcio

Gramsci e o biennio rosso (1919-1920): a experiência dos conselhos de fábrica na Itália

O Social em Questão, vol. 20, núm. 39, 2017, Setembro-, pp. 55-70

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552263357005>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais informações do artigo
- ▶ Site da revista em redalyc.org

LUZEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Gramsci e o *biennio rosso* (1919-1920): a experiência dos conselhos de fábrica na Itália

Keila Lúcio de Carvalho¹

Resumo

No contexto do levante revolucionário internacional do pós Primeira Guerra Mundial, a temática dos conselhos e do controle operário foi de interesse de diversos intelectuais do campo marxista. Antonio Gramsci (1891-1937), em particular, influenciou diretamente o movimento conselheiro italiano nos anos 1919-1920, sobretudo através de seus textos no jornal comunista *L'Ordine Nuovo*. Este artigo centra a análise nos escritos políticos do filósofo italiano sobre as experiências de auto-organização da classe trabalhadora durante o biênio vermelho italiano (1919-1920) na cidade de Turim, anteriormente ao período de sua prisão pelo regime fascista.

Palavras-chave

Antonio Gramsci; Biênio Vermelho; *L'Ordine Nuovo*; conselhos de fábrica; ocupações de fábrica.

Gramsci and the *biennio rosso* (1919-1920): the experience of the factory councils in Italy

Abstract

In the context of the international revolutionary uprising of the post World War I, the theme of councils and workers' control was of interest to several intellectuals of the marxist camp. Antonio Gramsci (1891-1937), in particular, directly influenced the Italian councilor movement in the years 1919-1920, mainly through his texts in the communist newspaper *L'Ordine Nuovo*. This article focus the analysis on the political writings of the Italian philosopher on the experiments of self-organization of the working class during the Italian red biennium (1919-1920) in the city of Turin, prior to the period of his imprisonment by the fascist regime.

Keywords

Antonio Gramsci; Red Biennium; *L'Ordine Nuovo*; factory councils; factory occupations.

O final da Primeira Guerra Mundial foi marcado por uma comção internacional pelos conselhos operários, a partir da consigna “todo poder aos soviets”. Na Rússia, os conselhos eram os verdadeiros órgãos de poder do Estado. Na Alemanha de 1918 havia cerca de 10 mil conselhos, a Hungria vivia a “República Húngara dos Conselhos”. No entanto, tais processos logo foram abortados. A Itália, entre 1919-1920, contava com cerca de 150 mil conselhos. Na Alemanha e na Áustria também foram criados conselhos operários, ainda que com base em distintos matizes.

Além da ação política concreta, a temática dos conselhos foi de interesse de diversos autores do campo marxista. Com a vitória da Revolução Russa de 1917, o debate em torno do *controle* e da *gestão* estavam na ordem do dia do movimento operário. Nesta época, a disputa entre a forma dos soviets e dos conselhos de fábrica gerava divisões no interior do movimento, levando vários intelectuais² a analisarem o papel que essas organizações viriam a cumprir na construção do socialismo. Se, por um lado, os conselhos de fábrica correspondiam ao âmbito exclusivo da produção e, desse modo, constituídos somente por proletários, por outro lado, os conselhos de trabalhadores (os soviets) se caracterizavam por ser mais amplos, integrando também camponeses e soldados.

Naquela época, os termos mais difundidos eram os de controle e gestão operária. Já a expressão *controle operário*, mesmo conhecida entre os comunistas dos conselhos³ e entre Gramsci e Bordiga na Itália, não era ainda popularizada nessa época. Gramsci utilizava a expressão *conselhos de fábrica*, que se distinguia do termo russo e alemão *conselhos de trabalhadores*. Assim, o debate teórico e político, neste momento histórico, foi marcado pela disputa sobre o lugar dos conselhos na revolução socialista, polarizando diversas tendências no seio do movimento dos trabalhadores.

No *Dicionário de Política*, Follis (2007) afirma que o termo *conselho* remete ao ciclo de lutas operárias iniciado em 1915-1916 nos centros industriais mais importantes da Europa que, no Primeiro Pós-Guerra, transformou-se em conflito aberto no cenário político internacional. Embora a constituição específica dos conselhos remonte aos soviets (tradução literal russa para *conselhos*) da Revolução Russa de 1905, fortalecidos posteriormente em 1917, sua expressão corrente deriva, porém, da língua alemã. Na Alemanha, o termo *conselho* apareceu como denominação própria para os organismos formados nesse país a partir de meados da década de 1910, e foram generalizados com os desdobramentos revolucionários de 1918-1919. A difusão dos conselhos coincidiu com a expansão dos movimentos revolucionários na Áustria, Tchecoslováquia, Hungria e Itália, nessa mesma época⁴.

De todo modo, a temática dos conselhos de fábrica e conselhos de trabalhadores remete aos princípios de autogoverno e de autodeterminação dos trabalhadores, que remontam às origens do movimento socialista e às formulações de Marx e Engels. O próprio surgimento do movimento operário ao longo do século XIX, desde os sindicatos locais, surgidos na Inglaterra, até a fundação da Primeira Internacional em 1864, tinha sua posição estratégica e tática fundamentais traduzidas em um conhecido lema comumente associado à autogestão: a emancipação dos trabalhadores tem que ser obra dos próprios trabalhadores.

Foi a partir dessa perspectiva que Marx e Engels analisaram a Comuna de Paris⁵, da qual foram contemporâneos. A Comuna de Paris de 1871 representou uma experiência prática precursora de controle operário e conferiu um caráter proletário às instituições e às organizações em torno do Estado na época. Durante alguns anos, o debate sobre a organização do Estado operário e da economia socializada em seu processo de superação do capital, pelo movimento operário, não ultrapassou o nível da análise teórica realizada à época da Comuna. Esse debate só foi retomado com força a partir de 1905, em meio ao processo revolucionário russo, quando se constituíram os primeiros soviets.

A experiência dos conselhos na Revolução Russa

O primeiro soviete foi criado em 1905 na cidade de Petersburgo e durou apenas 50 dias. Já o segundo momento de constituição dos soviets se concentrou na Revolução de Fevereiro de 1917 e fez parte do processo revolucionário que levou à Revolução de Outubro e, posteriormente, à fundação da República Soviética. Ambos os processos partiram da iniciativa de trabalhadores em greve e tiveram como referência comum a experiência da Comuna de Paris.

No plano prático, em 1905, a questão dos conselhos esteve relacionada ao controle operário, que se desenvolveu em meio a uma greve geral. Uma importante análise desse movimento nos foi oferecida pela elaboração teórica de Trotsky, dirigente do soviete. Segundo Trotsky (1973), os conselhos de 1905 foram criados devido a uma necessidade prática de construir uma organização que fosse capaz de agrupar as massas despossuídas, ou seja, de torná-las unificadas por sua condição proletária, que tinha na produção seu único vínculo. De acordo com Trotsky, ainda que despossuídas de organização, as massas trabalhadoras deveriam possuir o direito de representação nas empresas e nas fábricas. Na medida em que se desenvolvia a expansão da greve, o soviete tomava o centro das atenções e unificava, ao redor de si, todo o processo revolucionário.

Um ano mais tarde, Trotsky reavaliava o papel dos soviets na futura Revolução Russa. Segundo o referido autor, apesar do soviets ter como objetivo levar a luta à toda Rússia, essa experiência ficou restrita em torno da cidade de Petersburgo, ainda que tenha sido evidente o seu inegável papel na produção de um novo levante revolucionário, por meio do fomento na criação dos conselhos.

Em 1917, os soviets conseguiram construir uma rede que vinculava os centros industriais ao campo e ao exército, criando um verdadeiro sistema de poder. Conformaria, assim, os novos organismos recriados nas fábricas, que correspondeu à nova forma social que se desenvolvia na Rússia. A partir da experiência de 1917, se desenvolveu com mais densidade a ideia de que os soviets seriam os órgãos de poder popular e a instituição da própria democracia socialista. Sua essência era se constituir em uma democracia de classe, embora fundada na liberdade de organização e associação dos trabalhadores, com o respeito aos partidos e às tendências políticas.

Além de ter sido o principal dirigente do Partido Bolchevique e da Revolução de 1917, Lenin foi também o mais importante teórico dos conselhos operários – entendidos como a base do Estado proletário – e do controle operário – que corresponde à uma mobilização geral dos trabalhadores contra o modo de produção capitalista. Segundo Lenin, o caráter socialista da Rússia revolucionária consistia na aplicação concreta do elemento democrático de socialização do poder político. A grande massa dos trabalhadores deveria ter como principal tarefa aprender a governar. Esse elemento democrático marcaria, na Rússia, a transição socialista e as condições nas quais o Estado poderia vir a definir.

A partir do momento em que os próprios membros da sociedade, ou, pelo menos, a sua imensa maioria, tenham aprendido a gerir eles mesmos o Estado, tenham tomado a direção das coisas e ‘organizado’ o controle sobre a ínfima minoria de capitalistas, sobre os pequenos senhores desejosos de conservar suas práticas capitalistas e sobre os trabalhadores profundamente corrompidos pelo capitalismo – a partir desse momento a necessidade de qualquer administração em geral começa a desaparecer. Quanto mais a democracia for completa, tanto mais próximo estará o momento em que se tornará supérflua. Quanto mais democrático for o ‘Estado’, constituído por operários armados e deixando, por isso mesmo, de ser ‘o Estado no sentido próprio da palavra’, tanto mais rápida será também a extinção de qualquer Estado (LENIN, 1973, p. 107; tradução nossa).

A relação dos sovietes com os trabalhadores, sujeitos da criação dessas formas particulares de controle político e econômico pela base, deveria ser desenvolvida com cautela. A luta contra a deformação burocrática da organização dos sovietes era, segundo Lenin, a garantia para o estreitamento dos laços entre os sovietes e toda a população. A preocupação com as deformações burocráticas e com a necessidade de intensificar a participação das massas na atividade da administração pública era uma constante no pensamento político de Lenin. Segundo ele, o soviete consistia em um importante órgão para aproximação dos trabalhadores à administração do Estado, ou seja, uma antecipação histórica a uma efetiva socialização do poder⁶.

Assim, o poder dos trabalhadores com base nos sovietes teria, como gênese, a organização política das massas outrora oprimidas pelos capitalistas. O poder dos sovietes, representando, assim, a forma da ditadura do proletariado, se configuraria como uma aproximação das massas ao aparelho governamental. Isso porque o desenvolvimento de uma consciência de classe crescente nas massas operárias despertou a necessidade de criarem, por si mesmas, modalidades de organização política capazes de iniciar a luta pelo renascimento da economia sob o controle operário, exercido sobre a indústria por meio dos conselhos de produção. Essa tendência de criar conselhos industriais operários tem sua origem em fatores distintos e variados: a luta contra a burocracia reacionária, o enfraquecimento dos sindicatos mediante derrotas políticas e econômicas, dentre outros.

Para Trotsky (1973), apesar de provisórias, as tarefas e funções dos sovietes em 1917 cresciam cada vez mais sob a pressão das próprias massas. O soviete havia se tornado o foco de esperança e autoridade, ou seja, a encarnação da própria revolução. Em 1927, no Programa da Oposição de Esquerda, Trotsky apontava que os sovietes – que consistiam no principal instrumento capaz de levar os trabalhadores à direção do Estado – vinham se afastando capaz mais desse objetivo. Isso porque, segundo Trotsky, os sovietes estavam refletindo um reagrupamento nas relações de classe à custa do proletariado. O problema dos sovietes não era, então, de caráter administrativo, mas político, e só havia uma maneira de repará-lo: com uma maior atividade e influência do proletariado e dos camponeses nas instituições soviéticas, bem como em todos os demais órgãos do novo Estado que nascia.

O biênio vermelho italiano (1919-1920)

Para os interesses deste artigo, buscarei remontar as principais contribuições de Antonio Gramsci no que diz respeito aos conselhos de fábrica através de uma

leitura imanente, valendo-se dos próprios textos e contribuições do autor, além de uma pesquisa teórica que leve em consideração o contexto histórico no qual tal teoria foi construída e operacionalizada. O momento histórico que busco resgatar centra-se na transformação da cidade de Turim de 1919 em um dos cenários mais importantes da luta de classes do chamado *biennio rosso*, através das ocupações de fábrica realizadas pelo movimento conselhistas:

Realizada a unidade italiana como ‘expansão’ do Estado piemontês, Turim, a capital, cede seu lugar de sede do aparelho governamental para Florença. Logo depois, a capital passa a ser Roma. Turim perde quase que por completo a sua classe pequeno-burguesa, que se desloca para a nova sede do poder estatal. A pequeno-burguesia, funcionária do Estado, já esvaziada da sua participação na produção capitalista, cede lugar ao operariado que, concomitantemente, chega a Turim, através do sistema de fábricas da Fiat. Esta ocupa a cidade e a transforma (DIAS, 2000, p. 135).

Os principais registros desse período encontram-se reunidos em uma série de artigos que Gramsci publicou para o jornal comunista *L’Ordine Nuovo* – resenha semanal de cultura socialista. Tendo como referência empírica a ebulição do movimento operário de Turim, a militância no Partido Socialista Italiano (PSI) e sua atividade jornalística anterior⁷, fundou o semanário *L’Ordine Nuovo* em 1º de maio de 1919, ao lado de Angelo Tasca, Palmiro Togliatti e Umberto Terracini⁸.



Semanário *L’Ordine Nuovo*, 1º de maio de 1919.

Fonte: <<http://www.centrogramsci.it/riviste/nuovo/ordine%20nuovo.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2017.

A “nova ordem” preconizada pelo periódico remetia ao potencial dos conselhos operários italianos realizados, ainda que de forma parcial, através das experiências de conselho de fábrica. Gramsci teorizou sobre a relação entre sindicatos, partidos e conselhos de fábrica, além de ensaios sobre literatura. A partir de sua sétima edição do mesmo ano, a teorização dos conselhos de fábrica se torna a preocupação mais concreta de Gramsci, indo da “batalha das ideias para a ação política concreta” (COUTINHO, 1981, p. 8). O objetivo prioritário era a análise da realidade concreta para avaliar se estariam colocados os embriões de uma organização operária revolucionária – similar aos soviets russos –, que pudessem servir de instrumento para a constituição do socialismo na Itália.

Em artigo publicado em junho de 1919 em *L'Ordine Nuovo*, Gramsci defende os conselhos como instrumentos da auto-organização operária e orientados pelos princípios de autonomia e revolução. Em novembro do mesmo ano, a assembleia da seção turinense da Federação Italiana dos Operários Metalúrgicos (FIOM) aprovou a constituição dos conselhos tal como preconizado por Gramsci meses antes. Os escritos políticos também inspiraram a constituição dos conselhos no diretório municipal do PSI e pela Câmara de Trabalho de Turim. Em setembro de 1919, é criado o primeiro conselho de fábrica em Turim, na fábrica Fiat-Brevetti. As publicações no jornal *L'Ordine Nuovo* fomentaram o desenvolvimento de conselhos operários por toda a cidade.

No artigo “Democracia Operária”, Gramsci toma como tema as comissões internas de fábrica, referidas como “centros da vida proletária”. Posteriormente, o autor apoiou a iniciativa para a constituição dos “grupos comunistas de fábrica”, que serviram como base para a constituição do partido, além de participar ativamente do movimento de ocupação das fábricas.



Semanário *L'Ordine Nuovo*, 21 junho de 1919.

Fonte: <<http://www.centrogramsci.it/riviste/nuovo/ordine%20nuovo.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

De acordo com Gramsci, os conselhos de fábrica permitem recolocar a dualidade entre partido e sindicato, tradicionalmente entendidos como via política e econômica, respectivamente, da revolução socialista. Nesse sentido, os conselhos de fábrica são entendidos como experiências práticas de autoeducação das massas, permitindo interligar cultura e política de modo que esses organismos operários articulem as diversas formas de organização da classe.

Através de seus textos publicados no periódico *L'Ordine Nuovo*, Gramsci influenciou diretamente o movimento conselhistas italiano nos anos 1919-1920, período conhecido como “biênio vermelho”, em razão dos processos de ocupações de fábrica pelos trabalhadores, especialmente na cidade de Turim. A questão de fundo dos seus escritos políticos torna-se, portanto, a experiência dos soviets como algo possível e realizável na Itália dos anos 1919-1920. Essa possibilidade viria sendo gestada na ação cotidiana das massas operárias, primeiro com as comissões internas, depois com as comissões de fábricas.

As comissões internas são órgãos criados para controle e disciplina do trabalho, no início do século XX na Itália. Após a Primeira Guerra Mundial, esses organismos passaram a desenvolver um novo papel, de representação e organização dos trabalhadores no chão da fábrica e conformaram a base para os futuros conselhos de fábrica. Tratava-se, portanto, de romper com a lógica colaboracionista com a burguesia, original das comissões internas.

Segundo Gramsci, a Revolução de 1917 significou um alicerce político que polemizava com os esquemas ortodoxos, baseados no economicismo determinista e no positivismo, característicos da II Internacional. Sua leitura das obras de Lenin sempre esteve referenciada às condições específicas da revolução proletária no Ocidente e, mais especificamente, à conjuntura italiana. Gramsci entendeu os soviets como a forma universal de organização da democracia operária. Isso significou a defesa, por parte Gramsci, das comissões internas de fábrica, mas, segundo ele mesmo, estas deveriam aprofundar sua representatividade e radicalizar sua democracia:

Ele [o problema das comissões internas] é, para nós, o primeiro elo da cadeia histórica que leva à ditadura do proletariado e ao comunismo, no que se refere aos operários fabris. Mesmo na forma tosca e primitiva com que se apresentam atualmente, tais comissões correspondem a este princípio afirmado nas revoluções da Rússia e da Hungria: o de que a luta de classe, no período atual da história da indústria capitalista, realiza-se em um novo tipo de organização

proletária, que se baseia na fábrica e não na categoria profissional [...] Nela [na comissão interna], portanto, realizam-se embrionariamente todos os princípios que irão informar a Constituição do Estado dos Conselhos; nela se realiza a democracia operária (GRAMSCI, 2004a, p. 272).

Ainda segundo Gramsci, esse processo era, de todo modo, muito incipiente⁹. Mesmo assim, não descartou que, nas comissões internas, estariam presentes os princípios da democracia operária, norteadores do Estado dos conselhos, tal como na Rússia. Transformada em “conselho de fábrica”, as comissões internas poderiam se configurar em um embrião do soviete russo e, assim, em modelo do Estado proletário. Como, no Ocidente, ainda não havia se formado uma tática com vistas à criação do Estado dos conselhos,

[era] necessário criar desde já uma rede de instituições proletárias, enraizadas na consciência das grandes massas, nas quais a classe dos operários e dos camponeses, em sua totalidade, assumia uma forma rica de dinamismo e de possibilidade de desenvolvimento. [...] A experiência alemã e austríaca deve ensinar algo. As forças do Estado democrático e de classe capitalista ainda são imensas: não se deve dissimular o fato de que o capitalismo se mantém graças, sobretudo à ação dos seus sicofantas e dos seus lacaios, nem de que a semente desta espécie de gente ainda não desapareceu (GRAMSCI, 2004a, p. 263).

Para Gramsci, portanto, o soviete é a forma universal de autogoverno das classes operárias, relacionado à autonomia dos trabalhadores no âmbito da produção e do trabalho. Esta concepção em torno do sistema de conselhos, fundado sobre o poder dos trabalhadores, tem suas raízes nas experiências históricas da Rússia desde 1905, com a constituição do primeiro soviete. A existência de um “período revolucionário” pressupõe, de todo modo, uma consciência e ação, pelo conjunto dos trabalhadores, com vistas à necessidade de derrubada do Estado burguês e da construção do socialismo. Segundo Gramsci, o movimento dos comissários de Turim representou a negação do individualismo, constituindo o início de um grande processo histórico no qual os trabalhadores poderiam adquirir consciência de sua unidade indissolúvel na esfera produtiva. É essa perspectiva de totalidade que confere uma forma orgânica à consciência, que possui o potencial de transformar-se em vontade consciente em direção à construção da democracia socialista do poder proletário.

Nesta concepção, os partidos e os sindicatos devem se colocar como agentes conscientes de sua própria libertação das opressões até então encarnadas no Estado burguês, por meio da criação de condições políticas que pudessem colaborar para a liberação das forças produtivas. No conselho de fábrica, o operário se engaja como produtor, por consequência do caráter universal de sua posição e função na sociedade. O partido e o sindicato, por seu caráter voluntário e contratual, não pode, de nenhum modo, ser confundido com o conselho que, por sua morfologia, tende, em suas formas superiores, a conferir o caráter proletário ao aparelho de produção e de troca criados pelo capitalismo com fins de lucro (GRAMSCI, 2004a, p. 406). Destaca que, apesar dos conselhos de fábrica ainda não serem comparáveis aos soviets, estes devem, assim como os soviets, colocar para o partido e para os sindicatos a questão da necessidade de uma atuação mais radical e profunda, tendo como horizonte a configuração de uma nova formação social, baseada no autogoverno das massas trabalhadoras, ou seja, na autogestão.

É no conselho que se encarna a forma atual da luta de classe orientada para o poder. E desenha-se assim a rede de instituições na qual o processo revolucionário se desenvolve: o conselho, o sindicato, o Partido Socialista. O conselho, formação histórica da sociedade, criado pela necessidade de dominar o aparelho de produção, formação nascida da autoconsciência conquistada pelos produtores; o sindicato e o Partido, associações voluntárias, instrumentos de propulsão do processo revolucionário, ‘agentes’ e ‘gerentes’ da revolução... (GRAMSCI, 2004a, p.312).

Os soviets, organizações estatais da classe operária e dos camponeses, são, assim, organismos de base ampla que nem o partido, nem o sindicato, possuem condições de absorver.

Em março de 1920, em virtude do patamar alcançado pelas lutas operárias e ocupações de fábrica, a burguesia realiza uma greve patronal. Em abril, os operários anunciam uma greve geral tendo os conselhos de fábrica à frente da organização, sem o apoio do PSI e da Confederação Geral de Trabalhadores (CGT).

O dismantelamento dos conselhos de fábricas esteve relacionado com a fragmentação do próprio PSI e constituição do Partido Comunista. O avanço do movimento de ocupações de fábrica e intensidade da atividade operária via conselhos acabou tomando uma via contrárias às expectativas das organizações sindicais, como a CGT, já que a forma do conselho consistia uma superação da forma do sindicato, mas também do próprio PSI. O *L'Ordine Nuovo* transformou-

se no órgão teórico dos conselhos de fábrica. Entre junho e julho de 1920, a linha editorial do *L'Ordine Nuovo*, tendo Gramsci à frente, apoia a iniciativa da constituição dos “grupos comunistas de fábrica” em Turim, que se constituíram na base para o futuro Partido Comunista Italiano (PCI), seção italiana da III Internacional.

Em setembro, os operários ocupam as fábricas e ficam isolados, fazendo avançar uma contraofensiva patronal, amparada por uma retórica fascista a partir do nacionalismo e do conservadorismo. Em outubro, nasce a fração comunista no interior do PSI, sendo fundado em janeiro de 1921 o PCI e formalizada a sua adesão à III Internacional, em meio ao refluxo das lutas operárias.



Guardie Rosse, grupo de defesa operária em ocupação de fábrica em 1920.

Fonte: <<https://www.antiwarsongs.org/canzone.php?lang=it&id=34005>>. Acesso em: 25 jul. 2017.



Guardie Rosse, grupo de defesa operária em ocupação de fábrica em 1920.

Fonte: <<http://www.marxpedia.org/percorsi-di-lettura/1919-1920-il-biennio-rosso/12019occupazione-delle-fabbriche-dall2019apice-del-conflitto-alla-sconfitta-del-movimento-il-2-settembre-1920>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

Com o fracasso das ocupações de fábrica e da greve geral, Gramsci realiza um balanço sobre a derrota do movimento conselhistas, destacando a “sabotagem e a resistência das organizações sindicais e do próprio Partido [PSI]”. Mas, não descarta a relevância do processo abortado: “foi de grande importância educativa, já que demonstrou que a união prática dos operários e camponeses é possível” (GRAMSCI, 2004a, p.397).

Apesar de ocupar-se em *L'Ordine Nuovo* com o balanço da derrota, Gramsci prossegue com seu objetivo de realizar o programa socialista na Itália, sendo, portanto, necessários tanto uma renovação política dos sindicatos quanto a criação do PCI, em 1921. Com a militância no PCI, a questão do controle operário assume um lugar chave na análise de Gramsci sobre as possibilidades de realização da democracia operária. Segundo este autor, “para os comunistas, pôr o problema do controle significa pôr o maior problema do atual período histórico, significa pôr o problema do poder operário sobre os meios de produção e, por conseguinte, o problema da conquista do Estado” (GRAMSCI, 2004b, p. 38).

Assim, de acordo com Gramsci, o terreno do controle operário se refere ao momento em que a classe trabalhadora desenvolve sua força política para se tornar classe dirigente. Corresponde, então, ao tensionamento latente que deve resultar na construção do Estado proletário, momento em que se inicia o trabalho positivo de desenvolvimento de uma nova sociedade.

Através da luta pelo controle – luta que não se trava no Parlamento, mas que é luta revolucionária de massas e atividade de propaganda e de organização do partido histórico da classe operária, o Partido Comunista, – a classe operária deve adquirir, nos planos espiritual e organizativo, consciência de sua autonomia e de sua personalidade histórica. É por isso que a primeira fase da luta se apresentará como luta por uma determinada forma de organização [...] [que] só pode ser o conselho de fábrica, bem como a organização nacionalmente centralizada do conselho de fábrica (GRAMSCI, 2004b, p. 39).

Segundo a perspectiva do controle, o nascimento dos conselhos operários coincide com o início do processo revolucionário. Para Gramsci, o mote do conselho deve estar organizado em torno da classe trabalhadora em sua luta contra o modo de produção capitalista, no sentido da emancipação das forças produtivas da lógica da mercadoria e da propriedade privada, através da realização do “programa comunista” (GRAMSCI, 2004b, p. 40).

Em Gramsci, os conselhos de fábrica e os conselhos de trabalhadores tinham um importante papel em sua crítica à orientação reformista dos sindicatos e à passividade do Partido Socialista Italiano (PSI). Mas o essencial, em suas análises, para os dias atuais, se refere ao lugar histórico para o desenvolvimento de tais organismos: o ascenso revolucionário, coincidido com o fim da Primeira Guerra Mundial, marcado pela luta pelo controle operário, pelos conselhos operários e pelo poder dos soviets, que tomaram importância internacional.

Isso significa que, ainda com a derrota operária dos conselhos de Turim, Gramsci não abandonou o ponto de vista da revolução socialista. De forma análoga, seja em sua maturidade ou juventude, o partido revolucionário também possuía clara importância em sua obra, ainda que, em seus escritos em *L'Ordine Nuovo*, os órgãos autônomos da classe trabalhadora (os conselhos) ocupassem um lugar central para a vitória do processo revolucionário e para a construção do socialismo.

Referências

COUTINHO, C. N. *Gramsci e os Conselhos de Fábrica*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

DIAS, E. F. *Gramsci em Turim: A construção do conceito de hegemonia*. São Paulo, Xamã, 2000.

FOLLIS, M. Conselhos Operários. In: BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. (Ed.) *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

GRAMSCI, A. *Escritos políticos - Volume 1: 1910-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004a.

_____. *Escritos políticos - Volume 2: 1921-1926*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004b.

KOLLONTAI, A. *Oposição Operária – 1920-1921*. São Paulo: Global, 1980.

LENIN, V. I. Décret sur le contrôle ouvrier. In: MANDEL, E. *Contrôle ouvrier, conseils ouvriers, autogestion*. Paris: François Maspero, 1973. V. 1.

MARX, K. *A guerra civil na França*. São Paulo: Boitempo, 2011.

TROTSKY, L. *Au sujet du contrôle ouvrier sur la production*. In: MANDEL, E. *Contrôle ouvrier, conseils ouvriers, autogestion*. Paris: François Maspero, 1973. V. 2.

Nota

- 1 Doutora em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ). E-mail: keilalcarvalho@gmail.com
- 2 Além de Gramsci, Lenin, Luxemburgo, Lukács, Korsch, Pannekoek, dentre outros, analisaram esta temática.
- 3 Dentre os quais podemos citar Korsch e Pannekoek.
- 4 Esses movimentos revolucionários se inserem no contexto do desenvolvimento de levantes revolucionários por ocasião do fim da Primeira Guerra Mundial. Na Áustria, no último ano da guerra, a atividade da classe proletária havia crescido consideravelmente: com a greve de janeiro de 1918, conselhos operários foram eleitos e, em fevereiro, ocorreu um levante de marinheiros. Nesse contexto, a monarquia foi derrubada e a república proclamada. Direitos de voto foram democratizados e em 1919 as mulheres puderam votar pela primeira vez. Mas os esforços da socialdemocracia em se concentrar no desenvolvimento de um Estado “modernizado”, rejeitando a opção pela revolução levou, dentre outros fatores, em 1934, a um golpe que minou o processo revolucionário nesse país. Já na Tchecoslováquia, a revolução nacional fundou em 1918 a Primeira República Tchecoslovaca. Na Hungria, com o fim da Primeira Guerra Mundial, a monarquia desmorona e é declarada a República Democrática da Hungria que durou poucos meses, dado o golpe contrarrevolucionário.
- 5 A Comuna de Paris de 1871 foi tratada por Marx em escritos que compõem A Guerra Civil na França (2011) e também foi analisada por Engels em sua introdução de 1891 a esta obra. Tratou-se de uma breve experiência de dois meses, que mereceu atenção por parte destes pensadores por conta de seu caráter fundamentalmente democrático, estando à frente a classe trabalhadora parisiense em sua primeira experiência histórica de constituição de uma “ditadura do proletariado”. A Comuna de Paris inspirou e inspira, até hoje, movimentos dos trabalhadores em sua luta pela emancipação.
- 6 Um polêmico debate em torno dos soviets foi realizado entre as concepções de Lenin e de Alexandra Kollontai. Para Lenin, o importante papel a ser cumprido pelos soviets, dada seu alcance revolucionário, não poderia, ainda assim, tornar o soviete uma instituição petrificada, ou seja, um fim em si mesmo. Tais formulações foram realizadas em diálogo com a tendência “Oposição Operária” do Partido Comunista e, em especial, em direção às formulações de Kollontai. Em 1921, Kollontai expõe as posições da sua tendência em manuscrito de mesmo nome. Neste manuscrito, Kollontai (1980) debruça sobre duas questões: “em primeiro lugar, a função e os problemas dos sindicatos durante o período de reconstrução da economia nacional relacionados à organização da produção numa base comunista” e, em segundo lugar, “a ação autônoma das massas, questão ligada à burocracia do Partido e dos Sovietes” (KOLLONTAI, 1980, p.25). A Oposição Operária afirmava que a gestão da produção e da economia deveria ser confiada aos coletivos operários das fábricas, devendo ser formada uma direção colegiada para substituir a direção do Estado. Alguns meses depois, no X Congresso, as facções internas são proibidas no interior do Partido.

- 7 Anteriormente à experiência em *L'Ordine Nuovo*, Gramsci havia se dedicado à atividade jornalística desde 1915, já em Turim, após desistir do curso de Letras. Dentre essas experiências destacam-se suas colaborações nos jornais *Il Grido del Popolo* e *Avanti!* ligados ao Partido Socialista Italiano, além da edição única da revista *La Città Futura*, em 1917.
- 8 Em 1º de janeiro de 1921, *L'Ordine Nuovo* passa a ser diário, sob o lema “Dizer a verdade é revolucionário” e, em poucos dias, se torna o órgão central do Partido Comunista Italiano (PCI), que acabara de ser fundado. Gramsci foi seu editor-chefe e articulista até 1924, quando *L'Ordine Nuovo* foi substituído por *L'Unità* – Diário dos operários e dos camponeses.
- 9 “Na Itália, ainda não existem os soviets, ou melhor, nem mesmo se iniciou o processo para sua formação orgânica” (GRAMSCI, 2004a, p.275).

Artigo recebido em julho de 2017 e aceito para publicação em agosto de 2017.

